

INTERNACIONAL

FMI muda de ideia e pede restrição a capital externo

Crise provocou mudança na orientação do Fundo, que durante muito tempo defendeu o fluxo livre de capitais para países em desenvolvimento

WASHINGTON

Economistas do Fundo Monetário Internacional (FMI) exortaram as nações em desenvolvimento a estudar o uso de impostos e regulação para moderar os fluxos expressivos de entrada de capital para que estes não produzam bolhas de ativos e outras distorções financeiras. O Fundo disse que os mercados emergentes com controles saíram-se melhor do que os outros durante a crise financeira.

A recomendação representa uma defesa firme do FMI às restrições de capital e uma mudança do conselho dado há três anos aos países em desenvolvimento. Durante muito tempo o FMI foi a favor do fluxo livre de capitais, como um corolário do fluxo livre de comércio, para ajudar os países em desenvolvimento a prosperarem. Mas a crise global fez com que o Fundo repensasse suas crenças.

“Nós tentamos olhar para as evidências e aprender alguma coisa com a crise atual”, disse o vice-diretor de pesquisa do FMI, Jonathan Ostry, autor do estudo “Fluxos de capital: o papel dos controles”, com outros cinco economistas do Fundo.

O dinheiro está fluindo para os mercados emergentes, causando temores de formação de bolhas de ativos na China, Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e em outros países, principalmente nos mercados imobiliários. Neste ano, cerca de US\$ 722 bilhões em capital privado



CONTROLES - FMI aprendeu com as experiências do Brasil e da China

deverão fluir para os países em desenvolvimento, um aumento de 66% sobre 2009, mas muito abaixo do nível de US\$ 1,28 trilhões de 2007, antes da crise financeira, segundo o Instituto de Finanças Internacionais.

O investimento privado geralmente ajuda no crescimento, diz o FMI, mas um aumento rápido demais pode levar a uma bolha e depois a uma crise. Há cerca de seis meses, economistas do FMI começaram a estudar a capacidade dos controles de capital de limitar o estrago financeiro.

Países que tinham controles antes da recessão, descobriram eles, estavam muito me-

nos sujeitos a sofrer uma crise econômica forte. “A estrutura financeira menos arriscada significa que você está menos sujeito a passar por um ciclo de boom e estouro do crédito”, disse Ostry.

O FMI recomenda que os países examinem primeiro se as políticas tradicionais, como a permissão para que as moedas se valorizem, vão funcionar para moderar os fluxos de entrada de capital. Países cujas moedas estão adequadamente avaliadas e usam a queda das taxas de juros para conter fluxos devem adotar medidas “não convencionais”, disse Ostry.

O FMI examinou restrições

de capital introduzidas por Brasil, Chile, Malásia e outros países, como impostos explícitos sobre fluxos, exigências de que uma parte do capital estrangeiro seja retida sem remuneração de juros no banco central e várias outras regras para reduzir o crédito estrangeiro.

O FMI disse que essas restrições reduzem a fragilidade financeira, ao dificultar a retirada repentina de dinheiro de um país. Não está claro se as medidas diminuem também o capital total que entra no país, apontou o Fundo.

Em 2007, antes da crise, o conselho do FMI foi diferente. Em julho daquele ano, seu diretor-gerente na época, Rodrigo de Rato, aconselhou as nações que os controles de capital “rapidamente tornam-se ineficientes” e são facilmente contornáveis.

Agora, o FMI diz que a tentativa de contornar restrições aumenta os custos para os investidores e funciona como “pedra no sapato” do capital internacional. O economista Jagdish Bhagwati, da Universidade Columbia, que criticava a oposição do FMI aos controles de capitais na crise asiática no fim dos anos 1990, aplaudiu a mudança de postura do Fundo. “Antes tarde do que nunca”, disse ele. “Essa é claramente uma área em que deixar os mercados livres não é uma boa ideia.”

MUDANÇA DE FOCO

Para crescer, Brasil precisa de ‘mais Embraers’

Estudo mostra que emergentes têm de priorizar alta tecnologia

Alta tecnologia, e não agricultura ou recursos naturais. Essa é a sugestão para o desenvolvimento econômico no Brasil apresentada em uma nova iniciativa do prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz e alguns dos maiores economistas do mundo. O alerta é claro: o Brasil e outros países emergentes não podem basear seu desenvolvimento e estratégias de redução da pobreza no setor agrícola, em recursos naturais ou no comércio de commodities.

O estudo, elaborado em conjunto com diversas universidades e transformado em livro – que será lançado segunda-feira –, indica que o desenvolvimento industrial de economias como a do Brasil precisará contar com uma estratégia de Estado nos próximos anos para permitir que setores possam ganhar competitividade internacional.

“O setor agrícola tem claros limites e nossa recomendação é para que nenhum país emergente dependa do setor para sair da condição de subdesenvolvimento”, afirmou Giovanni Dosi, professor de economia da Escola de Estudos Avançados de Pisa e um dos principais autores do levantamento.

A recomendação para o

Brasil é de que o País simplesmente não pode tentar competir contra os bens produzidos na China, pelo menos não aqueles de valor agregado médio ou baixo. “O Brasil precisa procurar seu espaço, que não é o mesmo da China”, defendeu Dosi, hoje considerado um dos principais especialistas em políticas industriais na Europa.

Segundo o estudo, o que o Brasil precisa é de “mais Embraers”. Para Dosi, a dificuldade que o Brasil tem hoje para acompanhar o crescimento da China e Índia seria compensada com uma política destinada a promover setores de alta tecnologia.

A iniciativa de Stiglitz também aponta que as bases do Consenso de Washington – liberalismo e privatização – devem ser substituídos por estratégias mais abrangentes de industrialização. “Os países que embarcaram no Consenso hoje têm suas indústrias destruídas, como é o caso da Argentina”, alertou Dosi. “O que queremos mostrar é que o Consenso de Washington é um cavalo morto, mesmo que alguns governos ainda insistam em querer montá-lo.”

Jamil Chade
GENEBRA

RESERVA ESPECIAL

Gafisa

Uma seleção dos melhores empreendimentos para quem gosta de clube completo.

Reserva Especial Gafisa. O selo que todo empreendimento gostaria de ter. Saiba mais no www.gafisa.com.br/reservaespecial

CLUBE COMPLETO

JARDIM MARAJOARA

EM CONSTRUÇÃO



Ilustração artística da fachada

4 e 3 dorms • 136 m², 117 m² e 98 m²

Av. Eng. Eusébio Stevaux, 800 (esquina com a Rua Maestro J. Capocchi) Entrega em 2010 • Vista para o Golf Visite o modelo decorado



Ilustração artística da piscina

De R\$ 432.532,00
por R\$
384.953,48¹

Showroom: (11) 5523-5647

BOSQUE DA SAÚDE

EM CONSTRUÇÃO



Ilustração artística da fachada

4 e 3 dorms • 137 m² e 111 m² • 3 ou 2 vagas

Rua Assungui, 840 Terraço com churrasqueira • Entrega em 2010 Coberturas disponíveis



Ilustração artística das piscinas

De R\$ 644.763,00
por R\$
573.839,07²

Showroom: (11) 5061-5899

(1) Valor referente à unidade 34 da torre Dream, de tabela, financiado em 300 meses. (2) Valor referente à unidade 174 da torre Rodes, de tabela, financiado em 300 meses. Magic: Registro de Incorporação sob o nº 14, matrícula 2807, de 5/10/2007, do 11º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo. Olympic Bosque da Saúde: R01, matrícula 188.606, de 4/10/2007, do 10º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo. FERNANDEZ MERA NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS: Av. Brigadeiro Luís Antônio, 4.910 - Jardins - São Paulo - SP - CRECI 5425-J. GAFISA VENDAS INTERMEDIÇÃO IMOBILIÁRIA: Av. Pedroso de Moraes, 1.553 - 4º andar - Pinheiros - São Paulo - SP - CRECI J-19604.

COMERCIALIZAÇÃO

FERNANDEZ MERA

www.gafisa.com.br/reservaespecial

INCORPORAÇÃO E CONSTRUÇÃO

Gafisa
Grandes ideias para viver bem